

Risco cai a 991 pontos e Brasil pode emitir bônus

C-Bond tem maior preço em um ano e fica em US\$ 0,815 e dólar cai

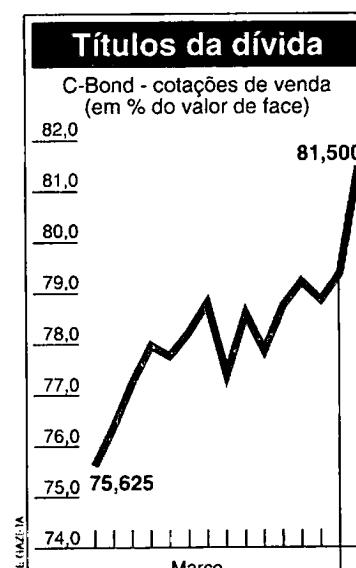
Christiane Silva
de São Paulo

Pela primeira vez em quase um ano, o risco Brasil voltou a ficar abaixo de 1.000 pontos básicos e reacendeu as especulações de que a República pode fazer uma nova emissão de bônus no mercado internacional. O indicador da confiança do investidor estrangeiro no País caiu 5,43% e atingiu 991 pontos básicos, ontem. A retomada das aplicações em ativos brasileiros contagiou todo o mercado financeiro. O dólar comercial caiu 1,43% para R\$ 3,313, na venda. O C-Bond subiu e o Tesouro Nacional pagou menos para alongar a dívida pública.

O desempenho do mercado financeiro teve três fatores determinantes, segundo os agentes do mercado. Dois deles no plano interno: hoje, o Congresso deve votar a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) 53 e assim abrir espaço para a autonomia do Banco Central (BC); além disso, o processo das reformas parece ter ganho mais agilidade. O outro no plano externo. Saddam Hussein não apareceu para discursar na televisão estatal e colocou em seu lugar um porta-voz. A ausência de Saddam levou os investidores consideraram que a guerra pode estar mais perto do fim do que era esperado.

Há semanas os títulos da dívida brasileira negociados no mercado internacional estão mais atraentes do que os demais países emergentes (ver reportagem nesta página). "Os bancos estrangeiros voltaram a ampliar a exposição em ativos brasileiros", disse o diretor de tesouraria do WestLB do Brasil, Flávio Farah. Os papéis têm rentabilidade maior e o risco de inadimplência diminuiu. "A continuidade das reformas e a manutenção da política econômica foram fundamentais para a volta dos investidores", disse o diretor de tesouraria de um banco estrangeiro.

Quanto mais alto está o preço dos títulos da dívida soberana, menor é o risco Brasil. Ontem, o C-Bond, o papel mais negociado no mercado internacional, teve alta de 2,68% e estava cotado a US\$ 0,815, o maior preço desde 19 de abril de 2002. O Global 40 ficou em US\$ 0,78, alta de 2,97%. "A expectativa agora é de que a República possa fazer uma nova emissão de títulos no exterior", disse o gerente da área internacio-



Fontes: López León e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

Câmbio			
	Cotação de venda (R\$/USS)		
Taxa	1	31	28
Mínima	3,3130	3,3280	3,3610
Máxima	3,3520	3,3930	3,3950
Fechamento	3,3130	3,3550	3,3610
Ptax*	3,3359	3,3531	3,3757

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil. * Média do Banco Central

nal do Banco Fibra, Marcelo Marinelli. A última vez que o Brasil fez uma emissão, o risco Brasil estava ao redor de 700 pontos.

O otimismo do mercado foi intensificado com a possibilidade de aprovação da PEC 53, que altera o artigo 192 da Constituição. A medida vai permitir a regulamentação do sistema financeiro nacional por leis complementares. A mudança cria a oportunidade para a independência do BC (ver pág. A-8). Além disso, a suspeita sobre o paradeiro de Saddam Hussein reacendeu a possibilidade de que a duração da guerra será curta (ver pág. A-10). O efeito foi imediato sobre o preço do barril de petróleo tipo WTI para entrega em maio que caiu 4,06% na Bolsa Mercantil de Nova York (Nymex).

Dólar cai para R\$ 3,31

Aqui, o dólar comercial caiu com o ingresso de moeda norte-americana no País. Somente em março, bancos e empresas brasileiras captaram mais de US\$ 1 bilhão no mercado internacional. A Ptax, média das cotações apurada pelo BC, ficou em R\$ 3,3359, baixa de 1,18%. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), o contrato de dólar com liquidação em maio caiu 1,32% e ficou em R\$ 3,363. A clearing de câmbio teve recorde de negócios com dólar. Hoje vão ser liquidados US\$ 673 milhões, correspondentes a R\$ 2,253 bilhões referentes a operações contratadas na segunda-feira e ontem.

As taxas de juros futuros caíram. Os economistas acreditam que o BC não deve elevar os juros básicos da economia até a próxima reunião no final deste mês. Os juros estão em 26,50% ao ano e os diretores do BC definiram a implantação do viés de alta na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). O viés permite que o presidente do BC, Henrique Meirelles, eleve a taxa de juros se julgar necessário. Entre os contratos mais negociados na BM&F, a taxa para maio passou de 26,22% para 26,36% ao ano, a única exceção. Os juros para julho foram de 26,79% para 26,59%.

Rolagem mais barata

A queda na estrutura a termo dos juros favoreceu o Tesouro Nacional que vendeu títulos públicos com juros mais baixos do que na última semana. O Tesouro vendeu 1,5 milhão em títulos com rentabilidade prefixada (Letras do Tesouro Nacional, LTN). Um milhão de papéis saiu com juros anuais médios de 26,77% e terá vencimento em outubro. Na semana passada, a taxa havia ficado em 27,19%.

Outro lote de 500 mil títulos terá vencimento em 2004 e juros anuais de 26,81%. Também foram vendidos 3,5 milhões de Letras Financeiras do Tesouro (LFT, pós-fixados) divididos em três lotes que vencem em 2004. Os deságios ficaram mais baixos do que na semana anterior.